



## Alguns percursos da metapoesia em *Ladainha* (2017) e *Rua da Padaria* (2013) de Bruna Beber

Maria Eduarda Ribeiro<sup>1</sup>

### Resumo:

Bruna Beber, poeta, jornalista e tradutora, pinta sobre a tela de sua poesia imagens cotidianas e memórias mínimas. Seus versos cruzam vivências e leituras, reelaboradas de maneira inventiva, e são marcados pelos usos de antíteses e eufemismos, que se realizam como cantos e (des)encantos, como nos seus livros *Balés* (2009), *A fila sem fim dos demônios descontentes* (2006), *Rua da padaria* (2013), e *Ladainha* (2017). Bruna Beber tece seus poemas com muitos recursos de humor, a partir dos quais opera uma dessacralização da imagem do/a autor/a gênio, que cria a partir do nada, como uma espécie de deus onipotente, num espaço isolado e distante do mundo ordinário. São analisados poemas de Beber que traçam um percurso do humor e da memória em seu livros *Ladainha* (2017) e *Rua da padaria* (2013), em especial, nos poemas em que a reflexão metapoética e o riso se encontram, a fim de refletir sobre o procedimentos de elaboração poética de autoria feminina no Brasil contemporâneo. A base teórica para a análise é composta por Bakhtin (1998), Alberti (2005), Paz (2012), Calvino (1990) e textos da fortuna crítica dessa autora.

**Palavras-chave:** Bruna Beber. Poesia. Humor. Ironia.

---

<sup>1</sup> Graduada em Letras Português (UFAL), mestranda em estudos literários pela Universidade Federal de Alagoas. Texto desenvolvido sob a orientação da Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Susana Souto (projeto PIBIC 2019-2020). E-mail: [madurib@outlook.com](mailto:madurib@outlook.com) Tel.: (82) 99669-7952

## **Nas redes da poesia: o ato de ser fisgada**

Em algum lugar do mundo, alguém lê poesia. Em outro lugar, alguém implora para ser de Exatas... porque ser de Humanas é difícil, subjetivo. Em algum lugar, alguém escreve um poema. Em outro, tenta-se definir o que é poema. Há alguém ministrando aula agora, diferenciando o poema da poesia. Há, ainda, alguém discordando de todas as definições criadas. Há alguém rasgando os poemas e as fotos. Final (in)feliz. Mas, em quase todos os cantos, se você quiser, há poesia. Nos olhos de quem sorri, na tentativa de entender o riso, nas lágrimas do recém-nascido, no mistério. Para Paz (2012, p. 16), há poesia sem poemas; paisagens, pessoas e fatos podem ser poéticos: são poesia sem serem poemas. Logo, a poesia pode estar presente nos fins, nos começos, nas pausas, nos recomeços.

Paralisei antes de escrever esse início, inclusive, como começar o fim? Se esse fim é só um começo? Deixo registrado aqui, através da escrita que cada experiência vivida, conteve poesia: encontros, debates, leituras, abraços, dúvidas, desespero, memória, riso, humor e tudo o que ficou de fora, o que não coube em palavras. Drummond (2012), em seu poema “Resíduo”, nos apresenta um verso curto e sábio: “de tudo fica um pouco”, e, ficou um pouco (ou muito), em mim, durante a trajetória e os (des)caminhos dessa graduação. Literatura, investigação, procura, (des)encontro, descoberta, espanto. O crítico-poeta ou poeta-crítico Octavio Paz (2012, p. 30) afirma: “No entanto, o poema não é senão isto: possibilidade”. Acrescento eu que, uma palavra-chave para a poesia é: liberdade. Para o mesmo autor, a palavra, finalmente em liberdade, mostra todas as suas entranhas, todos os seus sentidos e alusões, como um fruto maduro ou como um foguete no momento de explodir no céu. O poeta põe em liberdade a sua matéria (PAZ, 2012, p. 29). Aqui, eis uma pessoa disposta a visualizar as entranhas das palavras e dos poemas. A palavra, comparada a um fruto maduro, não mais verde, está em minhas mãos: cabe nos meus dedos, escapa pelas teclas desse computador e chega ao olhar, palavra: objeto-pronto? Revela, esconde, sangra. Paz (2012, p. 35) indaga: A beleza ou a palavra? Ambas: a beleza não é palpável sem as palavras. Coisas e palavras sangram pela mesma ferida. Aqui, o meu acréscimo: poeta, ser dominador; palavra, ser possuído.

A dominadora em questão, Bruna Beber, e eu, a que analisa e reflete acerca de suas palavras escritas. Poesia sem tempo, hora ou duração determinada, “a poeta de instantes”, diria o senso comum sobre ela. Através da própria palavra, caminho, também advém esta (breve) análise: metapoesia, metapalavra, metanálise. O poeta pondo em liberdade os estados múltiplos e contraditórios da palavra, sua materialidade oral, visual, mobilizando todos os sentidos possíveis em sua busca. Na escrita beberiana, o açougue, o avião, a morte do irmão, o peixe grudado no aquário, o picolé, a rua da padaria, uma camisa de força, todos os elementos são ressignificados ou transformados pela/em poesia. Caracterizada por um olhar extraordinário e atento, Beber, mesmo olhando na mesma direção de todas as outras pessoas, enxerga/repara/relata algo diferente daquilo que vemos. Sobre a perspectiva da autora, insiro Clarice Lispector (1989), quando afirma que escrever é o modo de quem tem a palavra como isca: a palavra pescando o que não é palavra. Aqui, a metáfora. Utilizando a mesma de Lispector, fui fisgada por essa palavra e por essa poesia beberiana que expande e (re)cria sentidos.

“A poesia é entrar no ser”, afirma Paz (2012, p. 138). Será? Numa tentativa de esquecer o que aprendi sobre a poesia e tentar chegar a algum lugar, antes, me dispo do medo, como a autora fez ao personificar seus poemas, encorajando-os a existir. O primeiro medo é o medo da poesia contemporânea, mas, o que pode ser entendido como “contemporâneo”? Em diálogo com Agamben (2009), vê-se que o poeta contemporâneo é aquele que deve manter fixo o olhar no seu tempo para perceber não as luzes, mas, o escuro. Esse poeta, segundo o mesmo autor, deve ser capaz não apenas de observar o seu tempo à uma certa distância, mas, estar pronto para transformá-lo. Beber faz isso, com uma poesia repleta de contratempos, entretempos e subtempos, ela não só (d)escreve e registra o presente, como também, faz suas palavras (ad)entrarem em multiversos temporais.

“Ser contemporâneo, é, antes de tudo, uma questão de coragem” (AGAMBEN, 2009, p. 65). Bruna Beber percebe a escuridão e exerce uma espécie de *kairós* particular. Sem adiantamentos ou atrasos, escrever é retirar o medo. O questionamento baseado no preconceito histórico baseado na “poesia tradicional brasileira”, (quase sempre) é o seguinte: “isso é mesmo poesia?”, “como pode? poema não precisa rimar?”, “cadê a métrica?” E, sim, te dou um *spoiler*: é poesia. Ainda bem. Continuando o pensamento, abordo novamente Octavio Paz (2012):

A poesia não é sentida: é dita. Quero dizer: não é uma experiência traduzida depois pelas palavras, mas as palavras mesmas constituem o núcleo da experiência. A experiência se dá ao se nomear aquilo que, até não ser nomeado, carece propriamente de existência. Assim, a análise da experiência inclui a análise de sua expressão. Ambas são uma e a mesma coisa. (PAZ, 2012, p.191).

A teoria comprova que existe o medo do novo, o perigo da desconstrução, os limites da compreensão humana. Outro medo que acompanha os leitores é o medo do olhar sobre o texto, desenvolvemos uma espécie de vergonha por conta de nossa autocrítica (muitas vezes exagerada). Aqui, portanto, tirei a minha capa de super-heroína, porque aprendi que, segundo Octavio Paz (citação acima), mais vale a experiência através da personificação das palavras.

Antes de iniciar a análise, exponho Bruna Beber: poeta, tradutora, mestranda em Teoria e História Literatura pela Unicamp e autora de 6 livros: *a fila sem fim dos demônios descontentes* (7Letras, 2006), *balés* (Língua Geral, 2009), *rapapés & apupos* (7Letras, 2012), *Rua da Padaria* (Record, 2013) e *Ladainha* (Record, 2017). É também autora de um livro infantil nomeado por *Zebrosinha* (Galerinha, Record, 2013). Sua obra ultrapassa fronteiras: já foram publicados poemas seus em antologias e sites na Alemanha, Argentina, Brasil, Espanha, Estados Unidos, Itália, México e Portugal. Não à toa, sua arte é ligada à inovação.

O que essa arte, afinal, desperta em mim? Beber, particularmente, me alerta que eu não devo levar a vida tão a sério... me faz rir. Retira a poesia de um lugar erudito, inalcançável, aproxima. Exercendo o papel de poeta contemporânea (me baseio nas considerações de Agamben, 2009), ela empodera seu leitor/leitora: “Escrever sempre”. Verso presente em um de seus poemas (2017, p. 65). Bebendo da sensualidade dessas palavras, peguei a minha angústia curiosa que transformou-se em resultado (in)concluso. Aqui, houve satisfação, prazer. Lendo Beber, autora que veio ao meu encontro por meio de uma pesquisa PIBIC, na graduação em Letras, desafiei (também) as minhas (in)capacidades.

Como estou escrevendo sobre a poesia feminina contemporânea, sendo mulher, trago (também outra figura feminina) Hélène Cixous, crítica literária francesa que escreve um artigo nomeado como “O riso da medusa” (1975) repleto de informações com grande relevância acerca da escrita feminina:

É preciso que a mulher se escreva: que a mulher escreva sobre mulher e traga as mulheres à escrita, de onde elas foram tão violentamente distanciadas quanto foram de seus corpos; pelas mesmas razões, pela mesma lei, com a mesma letal finalidade. A mulher precisa se colocar no texto – como no mundo, e na história -, através de seu próprio movimento. (CIXOUS, 1975, p.129)

O eu lírico dos poemas move-se, trata de si e trata de nós: mulheres, (re)unida; uma só palavra, uma só escuta e uma só voz. Uma mulher inventando um mundo novo, (re)criando universos antigos. Bruna Beber escolhendo beber de tantas fontes, pedindo auxílio às musas, cantando e contando novos enredos e narrativas. Fazendo história, construindo a sua autoria. A poeta resiste, e, nós, mulheres, envolvidas na academia (graduação e pós-graduação) resistimos também – inclusive durante um tempo de pandemia – diariamente. A resistência não se limita às palavras que partem de nós, mas, principalmente, quando lançamos as palavras que são partes nossas. Mulher-palavra-contemporânea.

Muitas vezes os horizontes para o público e o protagonismo feminino são delimitados, entretanto, aqui há uma busca que tenta expandir fronteiras, facilitar a compreensão dessa poesia, e, apoia-se em Alberti (2005), Paz (1993; 2012), Calvino (1990) e outros autores, junto com os textos da fortuna crítica da autora em pesquisa. Resta, ainda, em algum lugar, alguém que alimenta o gato, o peixe, o ego. Aqui, alimentei e fui alimentada pela Literatura: o que me salva de mim.

### **As palavras têm poder?**

No princípio, a palavra. Quase tudo começa através dela. Como constata-se em Gênesis, segundo a narrativa bíblica, a criação do mundo veio através de um verbo: “Fiat!” e, o mundo foi feito. O mundo é criado a partir do verbo, no imperativo. Os verbos que sucedem o texto bíblico são: “chamou”, “disse”. Em outros tons, o mesmo: a palavra, o dizer. Nesse trecho, a palavra com ênfase na oralidade. Aqui, no presente trabalho, a ênfase está na palavra escrita. Ainda observando a bíblia, vê-se no evangelho de João o seguinte trecho: “no princípio era o Verbo, e o Verbo estava com Deus, e o Verbo era Deus” (João 1:1). Aqui, no princípio, o desejo; depois, a concretização desse desejo através da escrita. O desejo dá lugar ao verbo e a sua análise.

A artista criadora, em seu primeiro poema do livro *Rua da padaria* (2013), nomeado como “o que dói primeiro”, escreve:

todo urubu titia **gritava**  
urubu urubu sua casa  
pegando fogo

todo estrondo na rua  
papai **dizia** eita porra  
aposto qué bujão de gás

todo avião vovó acenava  
é seu tio! **desquentrou** preronáutica  
num tenho mais sossego

temi e ainda temo toda espécie  
inflamável lamentei tanto urubu  
desabrigado desejei o fim  
da força aérea brasileira

só custei a entender mamãe  
e o que queria **dizer** com seu irmão  
não vem mais brincar com você  
papai do céu levou.  
(BEBER, 2013, p.11, grifos meus)

Como você deve ter percebido, a ênfase está (em quase todas as estrofes) no dizer oralizado – semelhante à Bíblia. Quase tudo feito através da palavra: memória, humor, notícia, afeto, fato. A gênese do livro já traz a reflexão sobre o dizer: metapalavra, metapoesia, como já citei acima, nesses versos fica perceptível. Beber, em entrevista, afirma que tudo o que desenvolveu, passa pela palavra, faz, ainda, uma analogia às crianças que estão aprendendo a falar, e, veem graça em todas elas, sendo, sempre, descoberta.

Existem diversas formas de dizer: gritar, falar, ordenar, eufemizar, etc. Tudo através do mesmo objeto: a linguagem. Paz (2012, p.25) afirma: “o poeta, em contrapartida, jamais atenta contra a ambiguidade do vocábulo. No poema a linguagem recupera sua originalidade primitiva, mutilada pela redução que lhe impõem a prosa e a fala cotidiana.” Acrescento que, durante um dos livros de Beber, o próximo que será citado: *Ladainha* (2017), os títulos das seções são: **vidádiva**, **canseios**, **meu deos**. (grifos da autora). Em seu texto, constato: a palavra é poderosa o suficiente para se tornar um neologismo, e, até mesmo para expandir significados (dentro de si).

**Ladainha é poesia e poesia é ladainha:**

Existe um padrão elitizado sobre o que é Literatura e quem pode e deve escrevê-la, como citado no início deste trabalho, entretanto, a etimologia da palavra “poesia” provém de origem grega, *poiesis*, que remete ao ato de fazer, de criar. Não há, portanto, um modo rígido, previamente delimitado, de como devemos fazê-lo, uma vez que há inúmeras possibilidades de elaboração poética, bem como inúmeras formas de circulação e de recepção desse texto. Assim, inclusive etimologicamente, há indicações de infinitas possibilidades para ser-poeta. A construção da poesia é livre, em nossos dias, e já há muito tempo, mesmo que existam formas fixas de poema: soneto, haikai, etc; Não há um único modo válido, nem tampouco modos “superiores” aos demais. É criar, fazer, só. A poesia contemporânea, no entanto, desconstrói essa ideia. É uma tentativa de aproximação, poesia que chega perto de nós: é criação, autonomia, liberdade. Não existe forma, muito menos espaço ou regra rígida: pula o muro, transborda, ultrapassa.

Se pensarmos com Paz (2012),

A poesia é conhecimento, salvação, poder, abandono. Operação capaz de mudar o mundo, a atividade poética é revolucionária por natureza; exercício espiritual, é um método de libertação interior. A poesia revela este mundo; cria outro. Pão dos escolhidos; alimento maldito. Isola; une. Convite à viagem; retorno à terra natal. Inspiração, respiração, exercício muscular. Prece ao vazio, diálogo com a ausência: o tédio, a angústia e o desespero a alimentam. Oração, **ladainha**. (PAZ, 2012, p. 21, grifo meu)

De forma clara, na literatura e sobre a literatura, poesia é ladainha, e *Ladainha* (2017) é poesia. Ainda continuando com Paz (2012), pode-se perceber que o poeta – passivo ou ativo, acordado ou sonâmbulo – é o fio condutor e transformador de uma corrente poética, estando na presença de algo radicalmente distinto: uma obra. Aqui, ao contrário das cores apáticas pintadas pela sociedade que limitam a Literatura e sua realização, reconhecendo que um poema é uma obra de arte, nos deparamos com uma escrita colorida, ou melhor, com uma escritora, poeta e tradutora multifacetada: Bruna Beber. Tecendo, assim, uma escrita heterogênea, os poemas de Beber (muitas vezes) nos escapam. Escapam até mesmo a própria autora quando, ao escrever sobre seus poemas, utiliza-se do pronome “os” em vez do pronome possessivo (que deveria ser usado segundo a normal culta) “meus”: “<sup>2</sup>eu os estranho como um velho conhecido/que não chegou a ser amigo/silêncio cheio/de ilusão e mandioca madura(...)” (BEBER, p.57). Ironicamente, a poesia parece

---

Início do poema “73” encontrado na página 57 do livro *Ladainha* (2017).<sup>2</sup>

ter família, e, nesse momento, nós leitores desejamos fazer parte dessa árvore genealógica.

Acerca da forma de sua poesia, Bruna Beber (na maioria de seus textos) utiliza bastante o verso livre, hediondo, dessa forma, seus poemas não mantêm uma métrica fixa. Percebe-se também a ausência de combinação de rimas marcantes em sua poesia (nem internas e nem externas), entretanto, mesmo sem a presença da rima, na maioria das vezes, seu texto possui ritmo e musicalidade, principalmente em seu último livro publicado e nomeado como *Ladainha* (2017). Vale ressaltar que a disposição tipográfica dos seus versos e os espaços em branco precisam ser lidos com atenção, o que se exige da poesia, nos livros da autora. Muitos de seus poemas possuem figuras de linguagens, como, por exemplo: metáforas, assonâncias, etc. Para ilustrar melhor, registro o início de um de seus poemas “IO3” (BEBER, 2017, p.69):

Comum cão comum cão comum  
o cão mais comum de chinelo  
na boca as orelha mordida  
as pata bichada o bicho  
(...)  
(BEBER, 2017, p.69)

A repetição da letra “c”, e o som que dela se extrai quando oralizada e combinada com outras letras, nas palavras dos versos acima, deixa clara a presença de outra figura de linguagem, conhecida como aliteração, bem como imprime um ritmo nos versos desse poema. Vale destacar a discordância nominal, em “as orelha”, mostrando que a poeta não obedece ao modelo instituído pela norma culta padrão “as orelhas” ou “a orelha”, como determina a gramática, configurando assim uma postura rebelde, de recusa da ordem. Demarcando a identidade poética dessa autora contemporânea, em sua escrita, poesia e liberdade passam a ser palavras sinônimas.

### **Da escrita petrificada à leveza**

Ao ler Beber, resgato em minha mente a obra de Italo Calvino, *Seis propostas para o próximo milênio* (1990), quando a leveza é abordada. Nesse texto, Calvino explica que a literatura muitas vezes é a responsável por aliviar o pesar da vida, o pesar do viver. Estamos, tantas vezes, petrificados em uma ideia de escrita cânone e inalcançável que

esquecemos que nós também podemos construir a nossa autoria. Existe um medo de escrever, de publicar, um terror acerca da escrita (e da leitura). Calvino ainda nos recorda da mitologia grega ao citar Medusa, musa responsável por tornar pedra quem a olhasse. Mulher, poderosa, mortal, elegante, Medusa é destruída pela leveza. Perseu, ao tirar os pés do chão, sem olhar diretamente para ela, decapita sua cabeça. Calvino utiliza-se disso para fazer uma relação entre o poeta e o mundo que tantas vezes nos petrificam: “para decepar a cabeça de Medusa sem se deixar petrificar, Perseu se sustenta sobre o que há de mais leve, as nuvens e o vento” (1990, p.16).

Com a mesma leveza que Calvino faz referência a Perseu, Beber também nos convida a dessacralização da figura do/a autor/a gênio, que cria a partir do nada, como uma espécie de deus onipotente, e em um espaço isolado e distante do mundo ordinário. Em um dos poemas de Ladainha (2017), lemos o seguinte verso: o ritmo é raríssimo de se mamar na musa (BEBER 2017, p. 57). Beber não apenas dá ênfase à sonoridade das palavras em seus poemas, como também, com humor, dessacraliza o lugar-inalcançável de qualquer musa que exista na mitologia grega; é como se nos perguntássemos: musa? Que musa? Novamente, com a presença da aliteração, figura de linguagem reconhecida como repetição de sons parecidos, Beber nos encoraja mais uma vez à escrita com liberdade.

Guiados por Bruna Beber, com humor e leveza, concordo aqui com Cortázar (2014):

O humor dessacraliza, não o digo em um sentido religioso porque não estamos falando do sacro religioso: dessacraliza em um sentido profano. [...] o humor tem na literatura um valor extraordinário porque é o recurso que muitos escritores utilizaram e utilizam admiravelmente bem, para, ao diminuir coisas que pareciam importantes, mostrar ao mesmo tempo onde está a verdadeira importância das coisas que essa estátua, esse figurão ou essa máscara cobria, tapava e dissimulava. O humor pode ser um grande destruidor, mas ao destruir constrói. (CORTÁZAR, 2004, p.159)

Ao diminuir coisas que pareciam importantes, Beber invoca musas, santos e anjos para os seus poemas. “O ritmo é raríssimo de se mamar na musa”, há musicalidade. A escritora não apenas se limita ao objeto gráfico livro, mas disponibiliza uma leitura autoral de alguns de seus poemas no seguinte site: <https://soundcloud.com/brunabeber>. Ela não quer permanecer petrificada na forma fixa poema, isso soa distante. Oco. Mesmo utilizando-se de versos e estrofes, Beber nos amplia as possibilidades. Ao gravar muitos dos seus

poemas, (com tosses, frases soltas, demora e pressa algumas palavras), Beber nos chama atenção a detalhes que sozinhos provavelmente não repararíamos. O objeto gráfico livro possui uma capa que facilmente poderia ser confundido com outro livro qualquer de Ladainha (católica). Com cores suaves, existe ainda uma bandeira, como se fosse uma espécie de aviso sobre ser uma “terra firme.” Entretanto, o vento balança a bandeira. Não só a bandeira, mas muitos outros poemas, como o “37”: não sinto falta de ar/grande amigo é o vento/acende fogo espalha terra/bota gente para dormir.

Entre cantos e encantos, Beber evoca também os quatro elementos presentes na constituição da matéria: água, ar, vento, terra. Para a astrologia, os mesmos elementos eram responsáveis por equilibrar o humor de alguém, seu estado psíquico. De maneira mística, Beber mistura humor, leveza, religiões, ciências, cantos e des(encantos) pelo uso de antíteses, metáforas e eufemismos.

Ainda sobre a dessacralização bem humorada, podemos ler os últimos versos do primeiro poema de seu livro: estou satisfeita,/mas não devo esperar/nada, é como criar/uma sereia(BEBER, 2017, p. I4). Mais uma vez, em seu poema “2”, Beber, através da quebra do verso, mais conhecida como enjambement, vem nos surpreender. Tirando a sereia, (figura mitológica poderosa) do seu lugar canônico e destruidor de vidas através dos seus (en)cantos e colocando-a em nosso aquário caseiro, como se pudéssemos a domesticar.

Figuras mitológicas femininas sendo reduzidas ao pó, reorganizadas a agentes passivos nas frases. Na mitologia, a finalidade da sereia é a sedução do homem através de sua voz; a finalidade da Medusa é a destruição do homem através de um olhar. Aqui, a ação ocorre através das palavras. A pergunta surge: será possível reduzi-las a tão pouco? Segundo Kant, o cômico é o resultado inesperado de uma ação qualquer. Quanto mais inesperado, mais engraçado será. Quanto mais sagrado também. Assim, percebemos que a lógica do humor só existe quando já existe alguma para usarmos como base. Afinal, o que seria do humor se não existisse o sério? Seguindo a ótica de Bakhtin, tudo é resposta. O humor também.

O canto, assim como o humor, é livre e libertador. A escrita também. O canto expressa muitas vezes como estamos nos sentindo ou até muda o nosso modo de sentir. Ouvimos o que desejamos. A música que nos faz dançar muitas vezes nos tira também o

pesar do viver. Sendo assim, a maestra Bruna Beber, aqui, tira os nossos pés do chão com leveza através das palavras:

Poder é perigo  
E hoje acordei  
Rindo

Dom é tom  
E hoje acordei  
Rindo

Querer é criatura  
E hoje acordei  
Rindo

Na cara a boca  
Na pia o prato  
Sujos de feijão.  
(BEBER, 2017, p.59)

Ao brincar com as palavras, como no poema acima, Beber insere uma espécie de refrão em sua poesia: e hoje acordei/rindo. Ritmo, criatividade e desautomatização são três características presentes em sua escrita. A poesia de Beber, classificada como poesia contemporânea, é marcada pela liberdade que os versos possuem (versos livres e versos brancos). Podemos ilustrar isso através de seu poema “I09” (p.73): viver em espaços enormes aéreos de patinação mental/ e reeditar, segundo após segundo, um poço cartesiano (...). Podemos comprovar ainda com outro poema, “5” (p.17): segredo verdadeiro/é de um só//faísca dormindo/dentro de galho (...). Depois da dessacralização da poesia, há uma autenticidade presente na escrita, não só na métrica dos versos, como também na escolha das palavras. Não há mais necessidade de seguir formas ou ritmos já estabelecidos, a repetição cabe dentro da literatura, não precisa seguir as regras de gêneros como a redação, dissertação, etc. As poetisas e os poetas podem utilizar também os espaços em branco de suas páginas. Para visualizar melhor, tento reproduzir um poema de Beber, nomeado como “I0I” (p. 67):

Só  
só com  
só com muito  
só com muito vento  
(Beber, 2017, P.67)

## **Do sagrado ao profano ou do profano ao sagrado?**

Estreando na literatura com o livro de poesias: *A fila sem fim de demônios descontentes* (2006), e publicando o último livro de poesia nomeado como *Ladainha* (2017), Beber inicia um percurso inserido numa moldura de referências religiosas, que poderíamos mapear como uma trajetória que vai do profano, ou demoníaco, o anjo decaído, e atinge o sagrado num intervalo de tempo de 11 anos. Através da contradição existente até no nome de seus livros: demônio versus Ladainha. Nietzsche em Zaratustra já havia nos antecipado: “Que seja tida como falsa toda verdade em que não houve sequer uma risada!” (III, p. 23). Beber é isso, brinca com o lugar do sério e da verdade. O nome de seus livros e a sua escrita nos alertam: não leve a vida tão a sério: você não vai sair dela vivo. É isso. Uma frase irônica e cheia de sabedoria. Uma escrita assim também: irônica, mas cheia de sabedoria.

O humor na maioria das vezes nos mostra a fragilidade humana, e, ainda assim, desvelando ou velando os diversos caminhos que a poesia, e o humano, a linguagem, escolhe para conferir sentido ao que vive, ainda que esse sentido sempre nos escape ou nos diga que nada será suficiente para abarcar a totalidade do sentido daquilo que nos faz rir ou chorar, de tudo que vivemos, escrevemos, pesquisamos, em nossas distintas e frágeis trajetórias.

### **(In)conclusões do riso**

Segundo Alberti (2005), o riso nos diferencia dos animais. O riso nos diferencia de Jesus Cristo. Assim, humanamente falando, todo mundo ri. O riso nos antecede a linguagem. Antes da fala, chega para nós, o riso. Forma de comunicação. Possui função social. Na poética de Aristóteles, o que provoca o riso é um defeito ou uma deformidade, indignos de piedade. Bergson (2006), em fundamental ensaio sobre o riso, também ressalta que o cômico é um fenômeno exclusivamente humano, que se dirige à inteligência e tem uma função social: “Para compreender o riso, impõe-se colocá-lo no seu ambiente natural, que é a sociedade, impõe-se sobretudo determinar-lhe a função útil, que é uma função social. [...] O riso deve ter uma significação social” (2006, p. 27). Assim, Bergson, associa reflexão, riso e sociedade, uma vez que destaca o seu caráter cognitivo.

Nietzsche ainda nas páginas de *Gaia ciência* (2017) prega “rir de si mesmo, como deveria fazê-lo a partir da verdade inteira”. É isso, quando rimos, descontrolamos a razão, porque nem tudo precisa de porquê. Experimentei durante essa pesquisa levar Beber aos meus amigos e gargalhamos juntos quando o *nonsense* se aproximou de nós. Ler Beber em voz alta e em comunidade pode nos fazer rir. Alguns poemas beiram o absurdo para quem não tem costume de ler poesia contemporânea (para quem tem costume também), mas o que seria da literatura se escrevêssemos todos da mesma forma? Beber inova, ainda bem.

Aqui, durante a escrita deste trabalho, encontrei diversos operadores de humor. Bruna Beber seleciona elementos de um vasto repertório e os combinam em textos que oscilam entre a fina ironia e a mais ferina sátira aos tempos em que vivemos, constituindo-se como *locus* privilegiado para pensarmos o humor e a ironia na contemporaneidade. Humor sutil, mas paradoxal. Ironia personificada. Para finalizar, concordo com Drummond (2002): "Poesia, até agora eu te procuro, mas se sorrir no claro te vejo no escuro." (2002, p. 385). Sabendo que a poesia é busca, mas também é sor(ri)so, sigamos, assim, em busca dessa poesia que ri – de si mesma, do universo e de nós – continuo procurando me reconhecer nos versos dessa mulher, tradutora, poeta e contemporânea: Bruna Beber.

### **Referências Bibliográficas**

AGAMBEN, Giorgio. **O que é o contemporâneo? e outros ensaios**. Editora Argos, 2009.

ALBERTI, Verena. “**O riso, as paixões e as faculdades da alma**”. In: *Textos de História*. Revista da Pós-Graduação em História da Universidade de Brasília. Brasília, UnB, v.3, n.1, 1995, p.5-25.

ALBERTI, Verena. **O riso e o risível na história do pensamento**. 2. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2002.

ANDRADE, Carlos Drummond. **Poesia completa**: conforme as disposições do autor. Nova Aguilar, 2002.

BAKHTIN, Michail. **Epos e Romance**. In: Questões de literatura e de estética. São Paulo: Hucitec, 2010.

BARROS, Manoel. **Exercícios de ser criança**. Rio de Janeiro: Salamandra, 1999.

BEBER, Bruna. **A fila sem fim dos demônios descontentes**. Rio de Janeiro: 7Letras, 2012.

BEBER, Bruna. **Ladainha**. Rio de Janeiro: Record, 2017. BEBER, Bruna. Rua da padaria. Editora Record, 2013.

BERGSON, Henri. **O riso: ensaio sobre o significado do cômico**. Trad. Guilherme de Castilho. Lisboa: Guimarães, 1980.

CALVINO, Italo. **Seis propostas para o próximo milênio: lições americanas**. Editora Companhia das Letras, 1990.

CHAUÍ, M. **Convite à filosofia**. 8.ed. São Paulo: Ática, 1997.

CIXOUS, Hélène. **O riso da Medusa**. Tradução: Luciana Eleonora de Freitas Calado Deplagne. Tradução da cultura: perspectivas críticas feministas (1970-2010). Florianópolis: EDUFAL, p. 129-155, 2017.

MINOIS, Georges. **História do riso e do escárnio**. Tradução de Maria Elena O. Ortiz Assumpção. São Paulo: Editora UNESP, 2003.

NIETZSCHE, Friedrich. **Also sprach Zarathustra: ein Buch für alle und keinen**. Goldmann Verlag, 2010.

NIETZSCHE, Friedrich; DE SOUZA, Paulo César. **A gaia ciência**. Editora Companhia das Letras, 2017.

Paz, Octavio. **Verso e prosa**. Signos em rotação 2 (2012).

PAZ, Octavio. **O arco e a lira**. Trad. Ari Roitman e Paulina Watch. São Paulo: Cosac Naify, 2012.

PIZARNIK, A. (1968/2002) “prólogos a la antologia consultada de la joven poesia argentina”. In: PIZARNIK, A. **prosa completa**. Barcelona: editorial Lumen.

REIS, Maria Firmina dos. **Úrsula**. Rio de Janeiro: Presença, 1988.

ROSA, João Guimarães. **Grande sertão veredas**. Companhia das Letras, 2019.